**DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE – INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE**

***A violência da administração do corpo pelo Estado***

***O saber/poder da medicina moderna no controle da vida cotidiana.***

***Maria Silvia de Mesquita Bolguese***

***- 2019 -***

Neste trabalho, pretendo falar sobre a mais insidiosa forma de violência que nos submete como sujeitos “amansados”, suportando as injustas condições impostas pelas sociedades capitalistas no neoliberalismo. Trata-se de uma violência pulverizada/diluída na vida administrada do sujeito contemporâneo, que sobrevive sempre à custa da disseminação do medo – medo de viver. O que vem acontecendo com o sujeito contemporâneo e seus modos de viver? Quais são as condições de existência propostas/impostas pelas sociedades capitalistas? Para se compreender a violência nas sociedades democráticas, é preciso refletir sobretudo acerca da violência banalizada da vida cotidiana. Mas não apenas, pois gostaria de destacar suas articulações silenciosas com a violência subterrânea, a violência que corrói o sujeito desde dentro e que o atravessa, o impacta, paradoxalmente, partindo de seu próprio corpo.

Nesta intersecção entre indivíduo e sociedade, somos atores, emissários, portadores e, ao mesmo tempo, reprodutores de uma violência que percorre o sistema chamado democrático e que se vale das moções propriamente subjetivas para garantir o que poderia em tese ser considerado impossível: *que uma imensa maioria da população mundial se submeta e até aceite “docilmente” viver em condições piores, bem piores ou até indecentes, em relação a uma pífia minoria.*

É preciso assim refletir sobre os mecanismos de cooptação, adaptação e abrandamento das pulsões individuais, imprescindíveis para que o sistema se sustente e se mantenha. Mecanismos sofisticados certamente. Em meu ultimo livro *O tempo e os medos. A parábola das estátuas pensantes* (Bolguese, 2017, p. 89), no qual este trabalho se baseia em grande parte, destaquei uma pesquisa publicada em janeiro de 2016 pela Oxfam[[1]](#footnote-1). Existem no mundo, atualmente, 62 pessoas bilionárias (cálculos feitos em dólar). Suas fortunas somadas são quantitativamente equivalentes à riqueza conjunta de 3,6 bilhões de pessoas mais pobres do planeta. Mais recentemente (agosto, 2017), a mesma organização divulgou nos grandes jornais em circulação no Brasil, pesquisa referente exclusivamente ao Brasil, dando a conhecer que apenas 6 bilionários detêm ou acumulam capital equivalente àquele que circula entre 100 milhões de brasileiros mais pobres.

Para tanto, cabe considerar alguns patamares nos quais estamos assentados como sujeitos no século XXI, no mundo e, especialmente, no Brasil e também na América Latina. Se a subjetividade se constitui a partir de um outro, do social (modelo essencialmente freudiano), este social – este modelo de sociedade que nos é apresentado – é na verdade aferido, apreendido muito antes de que, ainda beb*ê,* possamos decodificar e nomear seus sentidos, seus códigos. A impronta da alteridade nos alcança primariamente, nos aprisiona desde o corpo, primeiro território, que será também o último, onde se dão as trocas possíveis e também as impossíveis, os aprisionamentos eróticos, mas também as violações mortíferas.

***Pierre Dardot e Christian Laval***, pesquisadores franceses, especialistas no pensamento de Marx e Hegel, dedicam-se a pensar sobre as sociedades capitalistas, especificamente sobre o neoliberalismo e o sujeito do neoliberalismo. Para eles, o neoliberalismo tem uma história e uma coerência e é fundamental conhecê-lo para poder criticá-lo, a ponto de que algumas consequências possam ser extraídas na direção de mudanças fundamentais, pelas quais as sociedades capitalistas contemporâneas necessitam passar. Como sistema econômico, a ditar as normas e condutas sociais, o sistema capitalista, na era do neoliberalismo, é ainda hegemônico e, ao contrário do que pregaram os mais diversos analistas econômicos em todo o mundo, fortaleceu-se muito a partir da última crise econômica de 2008. O “núcleo duro” da ideologia neoliberal é constituído principalmente pela identificação do *mercado* como uma realidade ou vida natural. Evidentemente, para que o *mercado* seja assim considerado em um nível mais profundo da subjetividade, faz-se necessária a construção gradual e bastante eficiente de um credo, por assim dizer, naturalista. Não é coincidência, portanto, que a medicina dita cientifica, o saber médico, tenha se convertido em um das mais poderosas disciplinas a administrar a vida cotidiana da imensa maioria da população. A reflexão de hoje, assim, incide sobre as relações existentes na vida administrada do homem contemporâneo, sobretudo no que concerne ao lugar ocupado pela medicina dita científica, na tentativa de garantir que essa maioria de pessoas aceite permanecer em desvantagem. De sua obra *A nova razão do mundo* (Dardot e Laval, 2016), destaco dois eixos fundamentais:

 A - O Estado no neoliberalismo apenas intervém com a missão principal de minar os alicerces de sua própria existência, enfraquecendo a missão do serviço público. Trata-se de um intervencionismo, por assim dizer, negativo. É a retirada do Estado promovida por ele próprio, a partir da estimulação nos sujeitos de um verdadeiro culto/fanatismo pelo mercado, para o qual o sujeito/indivíduo precisa entrar no centro da cena como empreendedor de si mesmo, como mantenedor de condições de pertencimento social.

- Quais são os passaportes individuais necessários? O neoliberalismo é, assim, uma racionalidade, mais que um sistema econômico, se sustenta em um tripé: economia, medicina e direito, na tentativa de garantir um sujeito “aderido”, “fidelizado”. É a isso que esses autores chamam de *a nova razão do mundo*. Nesse contexto, é forçoso compreender que a medicina, após as duas grandes guerras, passou cada vez mais a ser financiada pelo capital, assumindo uma estrutura discursiva próxima daquela do direito, com suas normas/leis, punições e medos.

Evidente que estes autores se inspiram também em ***Foucault***. Em *O nascimento da Clínica* (1967), Foucault já havia nos brindado com um estudo minucioso e interessante sobre a espessura do discurso da medicina, extraindo dela sua história. O autor se interessa sobre o processo de “invenção” da medicina como ciência. No século XIX, a medicina pôde, finalmente, pronunciar sobre o indivíduo um discurso de estrutura cientifica. As ciências médicas foram construindo seu a priori concreto, uma narrativa – dita cientifica – sobre a maneira como os homens deveriam viver, cuidando de seus hábitos e de seu corpo. Nos dias de hoje, como é notório, a pauta proposta pela medicina é extensa, inconstante e instável, embora assuma caráter de mandados a cada nova lei que é criada, ainda que a nova venha justamente contradizer e refutar uma anteriormente propagada. Passamos muito tempo entretidos em cumprir os mandados decodificados e apropriados pelo Supereu para garantir um dos nossos principais passaporte de inclusão nas sociedades modernas e pós-modernas: ter um corpo jovem, belo e saudável e ser profundamente paranoico e hipocondríaco em relação ao envelhecimento, vivido em geral como adoecimento. De que violência se trata aqui? Foucault examina as práticas místicas na origem da medicina clássica para pensar a herança de violência mistificada que a medicina carrega tanto em seu discurso quanto em seus métodos. A medicina cientifica moderna fixa sua data de nascimento no final do século XVIII, pregando o retorno à modéstia eficaz do percebido, a um presumido empirismo. No entanto, a reorganização que buscava reabrir os saberes milenares construídos a partir do sofrimento humano, não escapou, segundo ele, do imaginário e dos mitos. De fato, houve avanço científico na reconstrução do saber médico, mas a razão médica seguiu determinada pela mistificação e pela ideologia. Os mistérios e não ditos da medicina clássica, passam a ganhar uma estrutura discursiva cientifica, mas uma aliança desde sempre foi fundada entre a observação e a pesquisa médicas e a dimensão discursiva: o que deveria e poderia ser dito sobre esse saber. O saber médico é claramente atravessado por interesses ideológicos ou econômicos. As formas da racionalidade médica oferecem-se ao sujeitos como primeira face da verdade sobre si mesmos e sobre as condições de vida que necessitam buscar aperfeiçoar para seguir vivendo.

***Alain Corbin, George Vigarello*** e ***Jean-Jacques Courtine*** organizaram uma importante coletânea intitulada *História do corpo* (Corbin, Courtine e Vigarello, 2006). Nessa obra de três volumes, cuidadosamente preparada, vários autores – sociólogos, filósofos, antropólogos, médicos e historiadores, entre outros – foram convidados a contribuir para uma reflexão aprofundada sobre a história do corpo. Desde o corpo literal, físico (dos cadáveres dissecados pela medicina clássica) até o corpo narrado pelo discurso cientifico, mas também, sobretudo, sobre o nascimento do corpo com status e estatuto simbólico. Diz Corbin, na introdução ao primeiro volume, que o corpo foi *inventado* no século XX. Essa invenção, segundo o autor, surgiu em primeiro lugar da psicanálise, a partir do momento em que Freud, observando a exibição dos corpos que Charcot mostrava na Salpêtrière, decifrou a histeria de conversão e compreendeu o que iria constituir o enunciado essencial de muitas de suas interrogações que viriam depois: o inconsciente fala através do corpo. O problema é que se Freud buscou dar sentidos aos corpos sem sentido, buscando libertar suas histéricas da submissão a uma manifestação apenas “aparentemente” autônoma de seu corpo, a medicina vai de certo modo se valer também do próprio conhecimento psicanalítico para sofisticar os meios de submeter os sujeitos a uma narrativa sobre seu corpo, marcada ideologicamente por uma falsa literalidade, como se as manifestações do corpo de cada um fossem originadas apenas nele, e para ele ou contra ele se voltassem. As imposições coletivas passaram a ser acentuadas, ainda que paradoxalmente sob o discurso das liberdades individuais. As ideologias – inclusive a eugenista – passaram a defender o aperfeiçoamento, o enriquecimento e a preservação da espécie, tornando a saúde uma preocupação coletiva, sustentando-se assim a medicina como um dos braços determinantes da vida administrada. O biopoder – conceituado por Foucault – na sua face mais eficiente e instrumental é certamente o que hoje conhecemos como “medicalização”. Nas sociedades capitalistas, o capital passou a financiar a medicina, criando e reforçando ideologias e ampliando, através da publicidade, seus tentáculos sobre a os comportamentos, tornando-os cada vez mais patológicos. O sujeito é decodificado, significado e compreendido principalmente a partir da narrativa médica, que, se hoje entrega a longevidade prometida, o faz, cada vez mais, a partir de uma compreensão “patologizante” dos comportamentos, sintomas e da vida dos sujeitos. O problema é que quando o sujeito se vê narrado e atravessado, desde fora, por um saber que controla seu corpo, não se escapa da mistificação de ser compreendido como um órgão autônomo, a-histórico e, principalmente, atemporal. A consequência de tantos medos, assim disseminados e propagados, é a busca ilusória do congelamento da vida. Em uma tentativa pífia de se paralisar o tempo, os sujeitos passam a “vagar”, submetidos à categoria da espacialidade, em detrimento da do tempo, abrindo mão ou perdendo de vista sua historicidade. Um corpo assim considerado apenas pela dimensão da fisiologia individual é um corpo deserotizado e, consequentemente, dessubjetivado.

As sociedades do neoliberalismo forjam sujeitos que preferem desconhecer a dimensão que os transcende. Menciono ainda alguns importantes autores para quem se interessar sobre o tema. ***Norbert Elias***, filosofo e sociólogo, ressalta que todos parecem saber o que pretendem dizer quando se usa a palavra ‘sociedade”, mas para ele a sociedade não é uma entidade transcendente ou divina, ela conta a história de sujeitos, é feita por pessoas, grupos, famílias, instituições. Portanto, nunca poderá ser pensada como uma abstração, o que nos aprisionaria em concepções “naturalizantes” da vida em sociedade, do mercado deificado etc. ***Guy Debord***, autor de *La societé du spetacle* (1996), destaca a alienação do sujeito, submetido aos códigos primários da imagem e defende a necessidade do reestudo do conceito de narcisismo, tal como Freud o propõe, por ser esta uma característica psíquica dos sujeitos exacerbada pelas e nas sociedades capitalistas. A alienação se vale de ações psíquicas, em um processo dialético de separação e reificação da vida humana. O espetáculo, a cena, a imagem, aquilo que pode e deve ser apresentado aos outros, impõem padrões que nada mais seriam do que uma forma de dominação das elites sobre todos os membros da sociedade. ***Cristopher Lasch***, historiador, que publicou *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (1983)*,* destacou especificamente o que ele denomina “cultura do narcisismo ou narcísica”, como a principal base que domina a sociedade contemporânea. E pergunta: “por que o crescimento e o desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos e quase impossíveis de serem atingidos? Por que o temor de amadurecer e ficar velho persegue nossa sociedade? Por que a “vida interior” não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem?

Do meu ponto de vista, uma tarefa inescapável da psicanalise e dos psicanalistas contemporâneos é assim examinar os efeitos da impronta social sobre o funcionamento e adoecimento psíquicos. Os sujeitos que vivem nas sociedades modernas são forjados, segundo Lasch, para serem emocionalmente superficiais, terem medo da intimidade, serem hipocondríacos. Além disso, experimentam intensamente o horror à velhice e à morte. ***Giorgio Agamben,*** filósofo italiano, autor de *Homo sacer: o poderoso soberano e a vida nua I e II* (2010), também dialoga e interroga a psicanálise, mais que isso, provoca a psicanálise e os psicanalistas. Ele aponta que os indivíduos do século XIX e suas supostas conquistas e direitos – sobretudo no que se refere à sua possibilidade de ocupar um território vivido como próprio e intransferível – entram na era da bio-política sob acirrado ordenamento jurídico, econômico e político. São *homo sacer* entregues à própria sorte em razão da biopolítica, *homo sacer matável,* o que vive a vida nua e não tem ou perdeu os passaportes de inclusão na atual razão mundial. Agambem argumenta ainda que a prática política na modernidade desvela que entre totalitarismo e democracia não existe diferença alguma.

Que indivíduos são esses? Quem é o sujeito que vive a partir da razão mundial e como ele se deixa cooptar por esta administração constante da vida? Retomo aqui a pergunta inicial acerca da “violência nossa de cada dia”: *por que uma imensa maioria da população mundial submete-se até “docilmente” e aceita viver em condições piores, bem piores ou até indecentes, em relação a uma pífia minoria?*

A psicanálise, desde Freud, coloca-se como instrumento fundamental na compreensão do que se passa psiquicamente com o homem contemporâneo. Freud mirou o sujeito, mas foi levado a refletir e criticar a impronta coletiva, a pífia civilização que se conseguiu alcançar, com ciclos de progresso, mas também com movimentos regressivos evidentes. Nesse sentido, a psicanálise – teoria e *práxis* - se encontra hoje confrontada por questões fundamentais, sobretudo a partir de fenômenos que acedem à clínica denunciando, de maneira atualizada, os dilemas que Freud enfrentou, principalmente, quando de seu desencantamento, na entrada dos anos 1920. Partindo do princípio de que a vida carrega o desejo da própria destruição, Freud se ocupou em compreender como as forças mais conservadoras do psiquismo operavam desde o Eu e do Supereu em oposição às forças libidinais. O estudo de como essas tendências mortíferas do Eu se aliam às pulsões eróticas, na manutenção e aprisionamento dos sujeitos em um funcionamento predominantemente narcisista, é a ‘via fecunda’ para a elucidação das questões aqui enunciadas. Portanto, pulsão de morte, compulsão à repetição e universo do traumático ainda são, a meu ver, fios condutores essenciais que podem nos ajudar a compreender a trama que vem sendo tecida até aqui, especificamente pelo lado do sujeito.

Para concluir e abrir a discussão, finalizo dizendo que o processo civilizatório nas sociedades “democráticas” neoliberais culmina no desenvolvimento de sociedades construídas a partir do *reforçamento* das fronteiras individuais, carregando a contradição de que a suposta liberdade só será concedida a partir de um custo significativo imposto pelos mecanismos de controle coletivos e, principalmente, pelo autocontrole. Elias (1994) usa a metáfora de um sujeito encerrado em uma espécie de *roupa de mergulho*. A própria vida, na travessia do tempo, sustenta-se em certo tipo de confronto cotidiano dos sujeitos contra as interferências ou invasões que lhe parecem vir de uma dimensão que lhes é estranha e autônoma, o próprio corpo. Quando a existência é reduzida a uma empreitada de natureza puramente fisiológica, física e estética, o sujeito passa a ser principalmente seu corpo, debatendo-se no espaço durante a travessia de um tempo que não importa conhecer.

***Versão em espanhol***

***DEPARTAMENTO DE PSICOANALISIS – INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE***

***La violencia de la administración del cuerpo por el Estado***

***El saber/poder de la medicina moderna en el control de la vida cotidiana***

***Maria Silvia de Mesquita Bolguese***

***- 2019 -***

En este trabajo, se habla de la forma más insidiosa de la violencia que nos somete como sujetos "domesticados", soportando a las condiciones abusivas impuestas por las sociedades capitalistas en el neoliberalismo. Se trata de una violencia diluida en la vida administrada del sujeto contemporáneo, que siempre sobrevive a expensas de la propagación del miedo - miedo a vivir. ¿Qué viene sucediendo con el sujeto contemporáneo y sus modos de vivir? ¿Cuáles son las condiciones de existencia propuestas/impuestas por las sociedades capitalistas? Para entender la violencia en las sociedades democráticas, se necesita reflexionar, sobre todo, acerca de la violencia de la vida cotidiana. Pero no sólo porque me gustaría destacar sus articulaciones silenciosas con la violencia subterránea, la violencia que corroe el sujeto desde dentro y que lo atraviesa, lo impacta, paradójicamente, a partir de su propio cuerpo.

En esta intersección entre el individuo y la sociedad, somos actores, emisarios, portadores y, al mismo tiempo, reproductores de una violencia que atraviesa el así  llamado sistema democrático y que se vale de las mociones propiamente subjetivas para asegurar aquello que en teoría podría ser considerado imposible: *una inmensa mayoría de la población mundial se somete y hasta acepte "dócilmente" vivir en condiciones peores, bien peores o incluso indecentes, en relación a una piedad minoría.*

Se necesita también a reflexionar sobre los mecanismos de cooptación, la adaptación y la mitigación de las pulsiones individuales, los cuales son esenciales para el sistema de sostener y mantener. Mecanismos sofisticados ciertamente. En mi último libro *O tempo e os medos. A parábola das estátuas pensantes* (Bolguese, 2017, p. 89), en el que se basa este trabajo, he destacado una investigación publicada en enero de 2016  por la Oxfam (Oxford Committee for Famine Relief). Existen en el mundo, actualmente, 62 personas billonarias (cálculos hechos en dólares). Su fortuna se añaden cuantitativamente equivalente a la riqueza combinada de 3,6 mil millones de personas más pobres del planeta. Más recientemente (agosto de 2017), la misma organización publicó en los grandes periódicos en circulación en Brasil, la investigación relacionada exclusivamente a Brasil, dando a conocer que sólo tienen 6 multimillonarios que acumulan capital equivalente a lo que corre entre 100 millones de brasileños pobres.

Por lo tanto, vale la pena considerar algunos niveles en los que estamos asentados como sujetos en el siglo XXI en el mundo y especialmente en Brasil y América Latina. Si la subjetividad se constituye a partir del otro, de lo social (modelo esencialmente freudiano), este modelo de sociedad que nos es presentado, es en realidad aprehendido mucho antes de que, aún bebé, podamos decodificar y nombrar sus sentidos, sus códigos. La impronta de la alteridad nos alcanza primariamente, nos aprisiona desde el cuerpo, primer territorio, que será también el último, donde se dan los cambios posibles y también los imposibles, los encarcelamientos eróticos, pero también las violaciones mortíferas.

***Pierre*** ***Dardot*** ***y Christian*** ***Laval,*** investigadores franceses, expertos en el pensamiento de Marx y Hegel, se dedican a pensar en las sociedades capitalistas, específicamente sobre el neoliberalismo y el sujeto del neoliberalismo. Para ellos, el neoliberalismo tiene una historia y una coherencia y es necesario conocer para poder criticar, hasta el punto de se extraer consecuencias e cambios fundamentales se pueden hacer, por el cual las sociedades capitalistas contemporáneas tienen que pasar. Como sistema económico, a dictar las normas y conductas sociales, el sistema capitalista, en la era del neoliberalismo, es todavía hegemónico y, al contrario de lo que predicaron los más diversos analistas económicos en todo el mundo, se ha fortalecido mucho a partir de la última crisis económica de 2008. El "núcleo duro" de la ideología neoliberal está constituido principalmente por identificar el *mercado* como una realidad/vida natural. Por supuesto, para que el *mercado* sea considerado como tal a un nivel más profundo de la subjetividad, es necesario la construcción poco a poco e muy eficiente de un credo, por así decirlo, naturalista. No es coincidencia, por lo tanto, que la medicina dicha científica, el saber médico, se haya convertido en uno de las más poderosas disciplinas a administrar la vida cotidiana de la inmensa mayoría de la población. La reflexión de hoy, por lo tanto, se centra en las relaciones existentes en la vida administrada del hombre contemporáneo, especialmente en relación con el lugar ocupado por la medicina dicha científica en el intento de asegurar que la mayoría de las personas acepte permanecer en  desventaja. De su interesante libro *La nueva razón* en *el mundo* (Dardot y Laval, 2016), destaco dos ejes fundamentales:

A) En el neoliberalismo el Estado sólo interviene con la misión principal de minar los cimientos de su propia existencia, lo que debilita la misión de lo servicio público. Se trata de un intervencionismo, por así decir, negativo. Es la retirada del Estado promovida por él mismo, a partir de la estimulación en los sujetos de un verdadero culto/fanatismo por el mercado, para el cual el sujeto/individuo necesita entrar en el centro de la escena como emprendedor de sí mismo, como mantenedor de condiciones de pertenencia social.

B) ¿Cuáles son los pasaportes individuales necesarios? El neoliberalismo es, así, una racionalidad, más que un sistema económico, se sostiene en un trípode: economía, medicina y derecho, en el intento de garantizar un sujeto "adherido", "fidelizado". Esto es lo que estos autores llaman *la nueva razón* en *el mundo.* En este contexto, es fozoso compreender que la medicina, después de las dos grandes guerras, pasó cada vez más a ser financiada por el capital, asumiendo una estructura discursiva cercana a la del derecho, con sus reglas/leyes, castigos y temores.

Es evidente que los autores se inspiran también en ***Foucault.*** En *El nacimiento de la clínica* (1967), Foucault ya nos tenía brindado con un estudio minucioso e interesante sobre la profundidad del discurso médico, extrayendo de ella su historia. El autor se interesa en el proceso de "invención" de la medicina como ciencia. En el siglo XIX, la medicina pudo, finalmente, pronunciar sobre el individuo un discurso de estructura científica. Las ciencias médicas fueron construyendo su a priori concreto, una narración - dicha científica - sobre la manera como los hombres deberían vivir, cuidando de sus hábitos y de su cuerpo. En los días de hoy, como es notorio, la pauta propuesta por la medicina es extensa, inconstante e inestable, aunque asume carácter de mandados a cada nueva ley que es creada, aunque la nueva venga justamente contradecir y refutar una anteriormente propagada. Pasamos mucho tiempo entretenido en el cumplimiento de los mandatos decodificados y asignados por el superyó para asegurar uno de nuestros principales pasaportes de inclusão en las sociedades modernas y postmodernas: tener un cuerpo joven, hermosa y saludable y estar profundamente paranoico y hipocondríaco sobre el envejecimiento, vivido en general como enfermedad. ¿De qué violencia se trata aquí? Foucault examina las prácticas místicas en el origen de la medicina clásica para pensar la herencia de la violencia mistificada que la medicina lleva tanto en su discurso como en sus métodos. La medicina científica moderna fija su fecha de nacimiento al final del siglo XVIII, predicando el retorno a la modestia eficaz de lo percibido, a un presumido empirismo. Sin embargo, la reorganización que buscaba reabrir los saberes milenarios construidos a partir del sufrimiento humano, no escapó, según él, del imaginario y de los mitos. De hecho, hubo avance científico en la reconstrucción del saber médico, pero la razón médica siguió determinada por la mistificación y la ideología. Los misterios y no dichos de la medicina clásica, pasan a ganar una estructura discursiva científica, pero una alianza desde siempre fue fundada entre la observación y la investigación médicas y la dimensión discursiva: lo que debería y podría ser dicho sobre ese saber. El conocimiento médico está claramente atravesado por intereses ideológicos o económicos. Las formas de racionalidad médica se ofrecen a los sujetos como primera cara de la verdad sobre sí mismos sobre las condiciones de la vida que necesitan buscar perfeccionar para seguir viviendo.

***Alain*** ***Corbin, George*** ***Vigarello*** y ***Jean-Jacques*** ***Courtine*** organizaron una importante colección titulada *Historia del cuerpo* (Corbin, Courtine y Vigarello, 2006).

En esta obra de tres volúmenes, cuidadosamente preparada, varios autores - sociólogos, filósofos, antropólogos, médicos e historiadores, entre otros - fueron invitados a contribuir a una reflexión en profundidad sobre la historia del cuerpo. Desde el cuerpo literal, físico (de los cadáveres disecados por la medicina clásica) hasta el cuerpo narrado por el discurso científico, pero también sobre el nacimiento del cuerpo con status y estatuto simbólico. Corbin dice en la introducción al primer volumen: el cuerpo fue *inventado* en el siglo XX. Esta invención, de acuerdo con el autor, apareció por primera vez del psicoanálisis, desde el momento en que Freud, observando la exhibicion de los cuerpos que mostraban Charcot en la Salpêtrière, descifró la histeria de conversión y entendió lo que constituiría el enunciado esencial de muchas de sus interrogaciones que vendrían después: el inconsciente habla a través del cuerpo. El problema es que si Freud buscó dar sentidos a los cuerpos sin sentido, buscando liberar sus histéricas de la sumisión a una manifestación apenas "aparentemente" autónoma de su cuerpo, la medicina va en cierto modo a valerse también del propio conocimiento psicoanalítico para sofisticar los medios de comunicación e someter a los sujetos a una narrativa sobre su cuerpo, marcada ideológicamente por una falsa literalidad, como si las manifestaciones del cuerpo de cada uno fueran originadas sólo en él, y para él o contra él se volvieran. Las imposiciones colectivas quedaron marcadas, aunque paradójicamente bajo el discurso de las libertades individuales. Ideologías - incluyendo la eugenista - comenzaron a defender el perfeccionamento, el enriquecimiento y la conservación de la especie, haciendo de la salud una preocupación colectiva, susteniéndose la medicina como uno de los brazos principales de la vida administrada. Biopoder - conceptualizado por Foucault - en su cara más eficiente e instrumental es sin duda lo que hoy conocemos como "medicalización". En las sociedades capitalistas, el capital pasó a financiar la medicina, creando y reforzando ideologías y ampliando, a través de la publicidad, sus tentáculos sobre los comportamientos, haciéndolos cada vez más patológicos. El sujeto es decodificado, significado y comprendido principalmente a partir de la narrativa médica, que si hoy ofrece una mayor longevidad, una de sus promesas, lo hace desde cada vez más a partir de una comprensión “patologizante” de la conducta, los síntomas y de la vida de los sujetos. El problema es que cuando el sujeto se ve narrado y atravesado, desde afuera, por un saber que controla su cuerpo, no se escapa de la mistificación de ser comprendido como un órgano autónomo, a-histórico y, principalmente, atemporal. La consecuencia de tantos miedos, así diseminados y propagados, es la búsqueda ilusoria de la congelación de la vida. En una tentativa de parálisis del tiempo, los sujetos pasan a "vagar", sometidos a la categoría de la espacialidad, en detrimento de la del tiempo, abriendo mano o perdiendo de vista su historicidad. Un cuerpo de este modo considerado sólo por la dimensión de la fisiología individual es un cuerpo “deserotizado” y por lo tanto “dessubjetivado”.

Las sociedades del neoliberalismo forjan sujetos que prefieren desconocer la dimensión que los trasciende. También menciono algunos importantes autores para aquellos que se interesen sobre el tema. ***Norbert Elias,*** filósofo y sociólogo, señala que todos parecen saber lo que van a decir cuando se usa la palabra 'sociedad', pero para él la sociedad no es una entidad trascendente o divina. La sociedad cuenta la historia de sujetos, la hacen las personas, grupos, familias, instituciones. Por lo tanto, nunca podrá ser pensada como una abstracción, lo que nos aprisionaría en las concepciones "naturalizantes" de la vida social y de lo mercado deificado.

***Guy*** ***Debord,*** autor de *La* *Société* *du* *spetacle* (1996), destaca la alienaciónón del sujeto, sometido a los códigos primarios de la imagen y defiende la necesidad del reestudio del concepto de narcisismo, tal como lo propone Freud, ya que esta es una característica psíquica del sujeto, exacerbada en las sociedades capitalistas. La alienación se vale de acciones psíquicas de los sujetos en un proceso dialéctico de separación y cosificación de la vida humana. El espectáculo, la escena, la imagen, lo que puede y debe ser presentado a los demás, imponen patrones que nada más serían que una forma de dominación de las elites sobre todos los miembros de la sociedad. ***Cristopher*** ***Lasch,*** historiador, que publicó *La cultura del narcisismo: la vida estadounidense en una época de disminución de la esperanza* *(1983),* específicamente destacó lo que él llama "cultura del narcisismo o narcisista" como la base principal que domina la sociedad contemporánea. Y pregunta: "¿Por qué el crecimiento y desarrollo personal se han vuelto tan difícil y casi imposible de lograr? ¿Por qué el temor de madurar y quedarse viejo persigue nuestra sociedad? ¿Por qué la "vida interior" ya no ofrece ningún refugio para los peligros que nos rodean?

Desde mi punto de vista, la tarea ineludible de psicoanálisis ed psicoanalistas contemporáneos es así examinar los efectos de las marcas sociales, sobre el funcionamiento y las enfermedades mentales. Los sujetos que viven en sociedades modernas se forjan, de acuerdo a Lasch, a ser emocionalmente poco profundos, que tienen miedo de la intimidad, son hipocondríacos. Además, experimentan intensamente el horror a la vejez ya la muerte. ***Giorgio*** ***Agamben,*** filósofo italiano, autor de *Homo* *sacer: el poderoso soberano y la vida desnuda I y II* (2010), también dialoga con el psicoanálisis y los psicoanalistas. Señala que los individuos del siglo XIX y sus supuestos logros y derechos - especialmente en lo que se refiere a su capacidad de ocupar un territorio vivido como propio y no transferibles - entran en la era de la biopolítica, bajo riguroso ordenamiento jurídico, económico y político. *Homo* *sacer* entregados a la propia suerte en razón de la biopolitica, *homo* *sacer* que puede ser muerto*,* lo que vive la vida desnuda y no tiene o perdió los pasaportes de inclusión en la actual razón mundial. Agambem argumenta además que la práctica política en la modernidad revela que entre el totalitarismo y la democracia no hay diferencia.

¿Qué individuos son éstos? ¿Quién es el sujeto que vive a partir de la razón mundial y cómo se deja cooptar por esta administración constante de la vida? Retomo aquí la pregunta original acerca de " la nuestra violencia de todos los días": *por qué una gran mayoría de la población mundial se somete hasta dócilmente y* *acepta vivir en condiciones peores, mucho peores o incluso indecente, en relación con una* *minoría?*

El psicoanálisis, desde Freud, se sitúa como instrumento fundamental en la comprensión de lo que pasa psíquicamente con el hombre contemporáneo. Freud miro al sujeto, pero fue llevado a reflexionar y criticar la impronta colectiva, la civilización que se logró alcanzar, con ciclos de progreso, pero también con movimientos regresivos evidentes. En este sentido, el psicoanálisis - la teoría y *la práctica* - se encuentra hoy confrontado a preguntas fundamentales, especialmente a partir de los fenómenos que llegan a la clínica, de forma actualizada, los dilemas que enfrentó Freud, sobre todo, cuando de su desencanto a la entrada de los años 1920. Suponiendo que la vida conlleva el deseo de destrucción, Freud dedica a la comprensión de cómo las fuerzas más conservadoras de la psique operaban desde el Yo y el Superyó en oposición a las fuerzas libidinales. El estudio de cómo estas tendencias mortales están aliadas a las pulsiones eróticas, en el mantenimiento y el encarcelamiento de los sujetos en un funcionamiento predominantemente narcisista es la 'manera fructífera' a la elucidación de las cuestiones planteadas aquí. Por lo tanto, pulsión de muerte, compulsión a la repetición y universo del traumático todavía son, a mi ver, hilos conductores esenciales que nos pueden ayudar a comprender la trama que viene siendo tejida hasta aquí, específicamente por el lado del sujeto.

Para completar y abrir la discusión, deseo concluir diciendo que el proceso de civilización en las sociedades 'democráticas' culmina en el desarrollo de sociedades construidas a partir del *refuerzo* de las fronteras individuales, cargando la contradicción de que la supuesta libertad se concederá sólo a partir de un costo significativo impuesto por los mecanismos de control colectivos y, sobre todo, por el autocontrol. Elias (1994) utiliza la metáfora de un sujeto encerrado en una especie de *traje de buceo*. La vida misma, en la travesía del tiempo, se sostiene en una especie de confrontación diaria de los sujetos frente a las interferencias o intrusiones que parecen provenir de una dimensión que les es extraña y autónoma, el propio cuerpo. Cuando la existencia se reduce a una obra de naturaleza puramente fisiológica, física y estética, el sujeto pasa a ser principalmente su cuerpo, debatiéndose en el espacio durante la travesía de un tiempo que no importa conocer.

***Referências Bibliográficas.***

* AGAMBEN, Giorgio (2002). *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
* BOLGUESE, Maria Silvia. *Depressão & doença nervosa moderna.* São Paulo: Via Lettera, 2004.
* ---------------------------------. *O tempo e os medos. A parábola das estatuas pensantes.* São Paulo: Ed. Blucher, 2017.
* CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.) (2006). *História do Corpo. Volume 1,2 e 3.* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011/2012.
* DARDOT, Pierre e LAVAL Christian. *A nova razão do mundo.* São Paulo: Boitempo, 2016.
* DEBORD, Guy (1967). *La societé du spetacle.* Paris: Folio, 1996.
* ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos.* Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1994.
* FREUD, Sigmund (1914). “Introdução ao narcisismo”. In: *Sigmund Freud. Obras Completas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
* ---------------------- (1919). “O inquietante (*Das unheimliche*)”. In: *Sigmund Freud. Obras Completas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
* ---------------------- (1920). “Além do princípio de prazer”. In: *Sigmund Freud. Obras Completas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
* ----------------------- (1929). “O mal-estar na civilização”. In: *Sigmund Freud. Obras Completas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
* FOUCAULT, Michel (1964). *O nascimento da clínica.* Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1994.
* LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio.* Rio de Janeiro: Imago, 1983.
1. Oxfam: Oxford Committee for Famine Relief é uma confederação de treze organizações e mais três parceiros que atua em mais de cem países na busca de soluções para o problema da pobreza e da injustiça social. [↑](#footnote-ref-1)